

QUESTÕES DE MATEMÁTICA

Affonso Romano de Sant'Anna

Nunca fui bom aluno de matemática, mas achei fascinante esse filme- "Uma mente brilhante" com Russel Crowe. Como toda obra boa e instigante deve ser visto e analisado em vários níveis. Basicamente a película conta a história verdadeira e dramática de John Nash, matemático que chegou a ganhar o Prêmio Nobel, apesar de ser esquizofrênico.

O filme pode ser visto inicialmente como uma bela e rara história de amor, ou seja, de como sua esposa, com imensurável dedicação o ajudou a atravessar a casa dos horrores de suas alucinações.

Pode, em segundo lugar, ser visto como uma análise do que é o feroz universo competitivo nas universidades americanas, onde o Pentágono, a CIA e as grandes corporations vão buscar os cérebros de que necessitam (de certa forma essa competitividade, parodisticamente, é semelhante àquela que aparece no filme/livro "Harry Potter" entre os grupos de alunos competindo em jogos alucinantes. Mas, ao contrário do best-seller "Harry Potter", que usa a competição alienadamente, esse filme fornece uma visão crítica desse sistema).

Pode, em terceiro lugar, ser visto também como exemplo da estreita relação entre a ciência e a política, já que o matemático John Nash e seus colegas elaboram fórmulas matemáticas para explicar os jogos do poder e o controle da guerra fria. Com efeito, a conhecida "teoria dos jogos", de Neumann & Morgenstern, esquematiza situações que incluem tanto jogos de poquer, quanto uma disputa partidária, econômica e amorosa. Tudo é jogo. Tudo pode ser equacionado.

Pode, em quarto lugar, ainda ser assistido como o drama de um gênio. De como uma pessoa ultradotada, conseguiu controlar a irracionalidade da esquizofrenia. O matemático John Nash encarou seus fantasmas com a lógica e os colocou onde devia.

A mim, me fascinou um outro veio de interpretação. A relação entre o matemático e o artista. Em geral tem-se a noção equivocada do que seja um matemático. Não, não é apenas uma pessoa que sabe fazer contas com precisão e rapidez. Isto é aritmética, e qualquer máquina de calcular pode fazer. O matemático pertence à linhagem dos filósofos. O grande matemático é um escultor, que parecendo construir esculturas no ar, é capaz de representar as forças e formas do universo. O verdadeiro matemático é um pintor, que tira da abstração de suas sensações as cores concretas da representação. O autêntico matemático é um romancista, cujas fórmulas contam a peripécia de uma paixão, de uma descoberta. O melhor

matemático é um poeta. Assim como o poeta elabora uma metáfora, uma frase que graças ao seu ritmo e significado fica impressa em nossa alma, o matemático extrai do quadro negro da ignorância uma equação capaz de iluminar o universo.

Estava falando sobre isto com o João Cândido Portinari, filho do Portinari, que fez doutorado em Princeton, Estados Unidos, exatamente ali, onde o filme mostra John Nash e sua turma esgrimando números entre enigmas. Pois João Cândido, há 20 anos dedicado totalmente à recuperação e reprodução virtual da obra do pai através de técnicas modernas de computação e arquivo, me diz que na matemática, também, há que deixar o inconsciente elaborar complementarmente o raciocínio.

Num certo trecho daquele filme, John Nash tenta colocar em fórmulas o movimento que os pombos fazem catando comida na grama. Tenta equacionar através de um teorema típico da "teoria dos jogos", as possibilidades de êxito na cantada de uma garota que o seduz no bar. E ele ensina à namorada a ver nas estrelas do céu, toda e qualquer figura que queira, bastando para isto saber juntar os pontos luminosos com uma linha invisível nos dedos.

Assim é a arte, assim é a ciência: essa capacidade de dar visibilidade ao que está aí e outros ainda não viram. É, evidentemente, uma operação de risco. Muitos nisto se equivocam. E tomam, como na esquizofrenia, a fantasia por realidade. É muito delicado dialogar com o invisível.

Por isto, a magia construída pela arte e pela ciência talvez pudesse ser resumida na palavra "matemágica", palavra que há muito tempo encontrei num poema de Ronald Claver.